



A Senda nos

Estudos da

**Língua Portuguesa**

**Fabiano Tadeu Grazioli**  
(organizador)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2019

Fabiano Tadeu Grazioli  
(Organizador)

# A Senda nos Estudos da Língua Portuguesa

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
A474	A senda nos estudos da língua portuguesa [recurso eletrônico] / Organizador Fabiano Tadeu Grazioli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Senda nos Estudos da Língua Portuguesa; v.1)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-492-4 DOI 10.22533/at.ed.924192407  1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa – Pesquisa – Brasil. I. Grazioli, Fabiano Tadeu. II. Série. CDD 469.5
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

Atena  
Editora

Ano 2019

## APRESENTAÇÃO

A imagem do caleidoscópio pode representar de maneira satisfatória este primeiro volume de *A senda nos estudos da Língua Portuguesa*, isso porque – sendo o referido aparelho óptico formado internamente por pequenos fragmentos de vidro colorido e espelhos inclinados, que, através do reflexo da luz exterior, apresentam combinações variadas a cada movimento – os trabalhos que compõem o volume partem de diferentes veredas do âmbito das linguagens para se unirem e oferecerem um panorama diverso e complexo de estudos que, dependendo do movimento e da perspectiva de quem olha/lê, pode apresentar múltiplos caminhos (ou sendas, como bem registramos no título) que, contemporaneamente, a Língua Portuguesa percorre no âmbito das pesquisas acadêmicas.

Do lugar de que olhamos para o caleidoscópio agora, como organizadores da obra – que é a experiência de quem olha para cada fragmento de vidro colorido, cada um por sua vez –, cabe fazer alusão à temática de cada capítulo-fragmento, na tentativa de transmitir a multiplicidade de enfoques que as linguagens recebem aqui. Assim, cabe listar como temáticas dos capítulos, na ordem que aqui aparecem: o processo metaenunciativo de (re) construção de sentidos na densidade dialógica dos discursos estéticos e textuais, via enunciados parafrásicos; o ensino de língua pelo caminho do gênero textual; a linguagem jurídica em uma perspectiva linguística, para fins de melhorar a relação entre o Direito e o cidadão comum, facilitando, assim, seu acesso à Justiça; a constituição do *ethos* discursivo dos pronunciamentos presidenciais dos países lusófonos Angola e Brasil, da década de 1990, uma vez que esses dois países têm um passado em comum e trazem semelhanças resultantes das ações do período da colonização portuguesa; a reconstrução e a resignificação da história de vida dos Candangos, primeiros moradores de Brasília, partindo da análise de um conjunto de fotografias e de entrevistas.

Na sequência, os capítulos tratam da descrição das categorias nominais gênero linguístico e número sintático em Português Europeu, em confronto com sua ausência em línguas de modalidade diferente em contacto com o Português – o Tétum e o Caboverdiano; do processo de intensificação adjetival que ocorre no português falado no Brasil, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, a partir da Gramática Funcional do Discurso, da Teoria Semântica Lexical e pelo Interculturalismo; do impacto que um trabalho com linguagem escrita, numa perspectiva sociointeracionista, tem sobre a formação de alunos com idade entre três e quatro anos (que contituiam, no momento da execuussão da proposta, uma turma de maternal II), especialmente em relação à formação de futuros leitores; da intercompreensão entre o português, o espanhol e o francês como estratégia para ensinar o português – língua não materna – a alunos franceses, em universidades francesas.

Ainda seguindo o caminho anunciado no Sumário, os capítulos seguintes

abordam: as unidades fraseológicas portuguesas corpo humano; a análise do léxico, em uma abordagem discursiva, investigando as lexias que podem ser típicas da fala do homem acreano, no contexto do romance *O Empate*, de Florentina Esteves, uma escritora acreana; os processos enunciativos e, portanto, discursivos e interacionais no uso da materialidade sincrética no *site* da escritora Angela Lago, que tem como interlocutor o público infantil; a identidade e a subjetividade do negro nos ladrões (versos improvisados) do Marabaixo, manifestação da cultura afro-amapaense, à luz de pressupostos da análise do discurso de base francesa; o tratamento e apresentação de termos de áreas científicas nos minidicionários escolares do tipo 3, desenvolvidos para alunos do Ensino Fundamental II, público que usa com frequência o referido material; o uso de operadores argumentativos na construção de enunciados de editoriais, apresentando-os como correspondentes aos lugares da retórica clássica; a educação prisional sob a ótica foucaultina.

No último apanhado de textos, encontramos um capítulo que enfatiza uma abordagem teórica sobre a definição de literatura e o seu caráter artístico e estético; a produção seguinte trata da relação entre os estudos do pensador Mikhail Bakhtin e letras das canções de Tom Zé; outro capítulo focaliza o estudo da poesia medieval, tanto das cantigas profanas, quanto das cantigas religiosas; a seção posterior realiza uma análise do episódio “Os Doze de Inglaterra”, da obra *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, tendo como ponto de partida aspectos literários e sintáticos; depois, um estudo que observa a descortesia estratégica proferida pelos personagens no romance *Meu destino é pecar*, de Nelson Rodrigues, demonstrando que as relações de interação são construídas por meio de estratégias argumentativas para atacar a imagem do interlocutor; e fecha a obra um capítulo no qual a pesquisa reflete sobre o papel do docente mediador na constatação de casos de violência contra crianças na turma sob sua responsabilidade.

Os estudos apresentados foram produzidos por pesquisadores de diversas instituições nacionais e estrangeiras, como o leitor poderá perceber na abertura de cada texto. As metodologias de pesquisa também são diversas, uma vez que a multiplicidade só pode ser a marca de uma coletânea que é organizada a partir de uma chamada com abertura para o diverso.

Agora, cabe ao leitor que chegou até a obra-caleidoscópico mirá-la a partir do seu enfoque e buscar no conjunto de perspectivas que a experiência da leitura que um artefato tão diverso pode oferecer, os textos que são do seu interesse. Que a experiência da leitura seja tão interessante quanto é olhar para um ponto fixo pelo enquadramento do caleidoscópico.

Fabiano Tadeu Grazioli

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ANÁLISE DO DISCURSO ESTÉTICO E OUTROS GÊNEROS TEXTUAIS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM PROCESSO METAENUNCIATIVO DE MÚLTIPLAS LEITURAS	
<a href="#">Maria Bernardete da Nóbrega</a> <a href="#">Maria das Dores Oliveira de Albuquerque</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9241924071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
A DIDÁTICA DA ESCRITA NO ENSINO DE PORTUGUÊS	
<a href="#">Cleide Inês Wittke</a> <a href="#">Jossemar de Matos Theisen</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9241924072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>30</b>
A SIMPLIFICAÇÃO DA LINGUAGEM JURÍDICA COMO INSTRUMENTO FUNDAMENTAL DE ACESSO À JUSTIÇA	
<a href="#">Luciana Helena Palermo de Almeida Guimarães</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9241924073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>49</b>
ANGOLA E BRASIL – PODER E DISCURSO POLÍTICO A CONSTITUIÇÃO DO ETHOS DISCURSIVO DE PRONUNCIAMENTOS PRESIDENCIAIS	
<a href="#">Patrícia Martins Mafra</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9241924074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>63</b>
A FOTOGRAFIA COMO MEMÓRIA NA VIDA DOS CANDANGOS: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DE BARDIN	
<a href="#">Rita Barreto de Sales Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9241924075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>79</b>
CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS SOBRE AS CATEGORIAS NOMINAIS E ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA	
<a href="#">Celda Maria Gonçalves Morgado</a> <a href="#">Ana Sofia do Carmo Lopes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9241924076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>91</b>
PROCESSOS DE SISTEMATIZAÇÃO NA SELEÇÃO LEXICAL EM PLE/PL2: A INTENSIFICAÇÃO DO ADJETIVO	
<a href="#">Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9241924077</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>103</b>
“NA PRÁTICA, A TEORIA É OUTRA”: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DA ESCRITA EM UMA ESCOLA NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI	
<a href="#">Ana Carolina Vilela-Ardenghi</a> <a href="#">Adriana Sadagurschi</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9241924078</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>117</b>
THE INTERCOMPREHENSION BETWEEN PORTUGUESE, SPANISH AND FRENCH AS A STRATEGY FOR TEACHING PORTUGUESE AS A FOREIGN LANGUAGE TO FRENCH STUDENTS AT FRENCH UNIVERSITIES	
<a href="#">Carolina Nogueira-François</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9241924079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>128</b>
UMA ABORDAGEM SINCRÔNICA E DIACRÔNICA DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS PORTUGUESAS ASSOCIADAS AO CORPO HUMANO	
<a href="#">Maria Auxiliadora da Fonseca Leal</a>	
<a href="#">Karlla Andrea Leal Cruz</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>141</b>
UM ESTUDO DISCURSIVO DO LÉXICO EM <i>O EMPATE</i> , DE FLORENTINA ESTEVES	
<a href="#">Edilene da Silva Ferreira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>153</b>
OS MULTILETRAMENTOS NOS PROCESSOS ENUNCIATIVOS DE PRODUÇÃO DE SENTIDO	
<a href="#">Carolina Fernandes da Silva Mandaji</a>	
<a href="#">Maria de Lourdes Rossi Remenche</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>165</b>
SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE NOS LADRÕES DO MARABAIXO: CONTRIBUIÇÕES PARA ESCOLARIZAÇÃO DOS AFROSABERES AMAPEENSES	
<a href="#">Drieli Leide Silva Sampaio</a>	
<a href="#">Fabiana Almeida Sousa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>178</b>
O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DO VOCABULÁRIO TÉCNICO-CIENTÍFICO EM MINIDICIONÁRIOS ESCOLARES DO TIPO 3	
<a href="#">Maryelle Joelma Cordeiro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>191</b>
OPERADORES ARGUMENTATIVOS USADOS NO GÊNERO EDITORIAL ENQUANTO RECURSOS NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO PERSUASIVO	
<a href="#">Míriam Silveira Parreira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>215</b>
O PROJETO <i>EDUCAÇÃO PARA LIBERDADE</i> , EM CAMPOS BELOS, GOIÁS: UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA	
<a href="#">Ronivaldo de Oliveira Rego Santos</a>	
<a href="#">Luciana Nogueira da Silva</a>	
<a href="#">Wanderson Luiz Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240716</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>227</b>
O CARÁTER ARTÍSTICO E ESTÉTICO DA LITERATURA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA	
Deisi Luzia Zanatta	
Fabiano Tadeu Grazioli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>236</b>
O QUE É QUE O RUSSO DE ORIOL TEM A VER COM O BAIANO DE IRARÁ?	
Celina Cassal Josetti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>245</b>
POESIA PROFANA E RELIGIOSA NA ERA MEDIEVAL	
Gláucia do Carmo Xavier	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240719</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>262</b>
“OS LUSÍADAS”: UMA ANÁLISE DO EPISÓDIO “OS DOZE DE INGLATERRA”	
Gláucia do Carmo Xavier	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240720</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>275</b>
PRESERVAÇÃO DA FACE E (DES)CORTESIA NO DISCURSO LITERÁRIO DO ROMANCE MEU DESTINO É PECAR, DE NELSON RODRIGUES	
Fabiana Meireles de Oliveira	
Rodrigo Leite da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240721</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>286</b>
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A CRIANÇA E A ATUAÇÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL NO ENFRENTAMENTO	
Welton Rodrigues de Souza	
Maria José de Jesus Alves Cordeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240722</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>297</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>298</b>

## UMA ABORDAGEM SINCRÔNICA E DIACRÔNICA DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS PORTUGUESAS ASSOCIADAS AO CORPO HUMANO

**Maria Auxiliadora da Fonseca Leal**

Universidade Federal de Minas Gerais -Faculdade  
de Letras - Belo Horizonte - MG.

**Karlla Andrea Leal Cruz**

Universidade Federal de Minas Gerais -  
Faculdade de Letras - Belo Horizonte - MG.

**RESUMO:** No presente trabalho investigamos as unidades fraseológicas portuguesas corpo humano. Para realizar a investigação elaboramos um corpus com unidades coletadas de dicionários e obras complementares para cada sincronia. Do ponto de vista sincrônico, verificou-se que algumas unidades fraseológicas admitem em sua constituição, a presença do artigo, a inserção de determinados tipos de advérbios, bem como a variação de alguns tempos verbais, sem alteração do sentido idiomático. Do ponto de vista diacrônico, constatou-se que 50% das unidades pesquisadas ocorrem na língua a partir do século XIX. É também, representativo o percentual de unidades fraseológicas presentes, na língua, desde o século XVI, a saber, 23%. Em geral, a maior parte das expressões desse grupo é recorrente em todas as sincronias. Do total de unidades agrupadas, 11% ocorreram no português desde o século XVII. Portanto, considerando-se as fases mais remotas podemos inferir,

pelos dados, que aproximadamente 34% das unidades fraseológicas associadas ao corpo humano remontam aos séculos XVI e XVII. Já 13% das estruturas referem-se aos séculos XX e XXI. Por fim, 2% do total de expressões listadas podem ser consideradas arcaísmos, já que foram registradas, nos corpora, somente até o século XVIII.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fraseologia, Português, Corpo Humano, Sincronia, Diacronia.

### A SYNCHRONIC AND DIACHRONIC APPROACH OF THE PORTUGUESE PHRASEOLOGISMS ASSOCIATED WITH THE HUMAN BODY

**ABSTRACT:** In the present study we investigated the Portuguese phraseologisms associated with the human body. To carry out the investigation, we elaborated a corpus with units collected from dictionaries and complementary works for each synchrony. From the synchronic point of view, it was found that the some units admit in their constitution the presence of the article, the insertion of certain types of adverbs, as well as the variation of the some verbal times, without alteration of the idiomatic sense. From the diachronic point of view, it was found that 50% of the researched units occur in the language from the nineteenth century. It is also

representative of the percentage of the units present in the language since the 16<sup>th</sup> century, namely, 23%. In general, most the expressions in this group are recurring in all periods. Of the total units grouped, 11% occurred in Portuguese since the 17<sup>th</sup> century. Therefore, considering the most remote phases, we infer from the data that approximately 34% of the phraseologisms associated with the human body date back of the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> centuries. Already 13% of the structures refer to the twentieth and 21 centuries. Finally, 2% of the total listed expressions can be considered archaic, since they were registered, in the corpora, only the eighteenth century.

**KEYWORDS:** Phraseologisms, Portuguese, Human body, synchrony, diachrony.

## 1 | INTRODUÇÃO

No presente trabalho, analisamos algumas Unidades Fraseológicas portuguesas associadas ao corpo humano numa abordagem sincrônica e diacrônica, com foco nos fenômenos linguísticos imbricados na constituição dessas unidades, além de verificar as abonações concernentes a essas estruturas na história da língua portuguesa.

## 2 | DEFINIÇÕES DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS

As definições e conceitos das unidades fraseológicas envolvem várias perspectivas, tanto linguísticas quanto culturais. O tema é complexo e tantos são os conceitos e definições, quantas são as diversas tipologias de unidades fraseológicas existentes.

Segundo Baránov e Dobrovol'skij (2009 p. 459), “a idiomática, em geral, está organizada seguindo os mesmos princípios do léxico. Como acontece no léxico, na idiomática realizam-se determinados modelos previsíveis de polissemia regular e esta última, por sua vez, fundamenta-se na possibilidade de uma ulterior evolução semântica”.

Biderman (2001) define as expressões idiomáticas como combinatórias de lexemas que o uso consagrou numa determinada sequência e cujo significado não se dá na simples somatória das suas partes, ou seja, desconsiderando suas partes como unidades semânticas. Em alguns casos, o sentido literal até pode ajudar no entendimento conotativo da expressão.

Nas palavras de Krieger e Finato (2004, p. 84), “A ideia de fraseologia está associada a uma estruturação linguística estereotipada que leva a uma interpretação semântica independente dos sentidos estritos dos constituintes da estrutura.”

Existem vários pontos de vista sobre a fraseologia, tanto no plano conceitual, quanto no plano denominativo. Do mesmo modo, existem vários critérios sobre a constituição formal das estruturas fraseológicas.

Para Esther Blais (1993), a noção de fraseologia é vaga e modifica-se conforme

a documentação consultada. Ela recobre, no todo ou em parte, o que se designa como *compostos, colocações, expressões idiomáticas, locuções, expressões fixas, coocorrências* e outras expressões do gênero.

Bevilacqua (1996, p.114) conceitua unidade fraseológica como uma “cadeia de caracteres especializada, constituída por elementos invariáveis e variáveis que assume, em consequência, o caráter de uma matriz representativa de um domínio”.

Assim, em estruturas como *boca da noite, pôr a boca do mundo, com a boca na botija*, a lexia boca é a matriz da variável da noite, do mundo, na botija. Ou, ainda, em *cabeça dura, cabeça fria e cabeça oca*, a lexia cabeça é a matriz e *dura, fria e oca*, respectivamente, são as variáveis. Observa-se, nesse contexto, que, segundo a autora em exame, a análise baseada em categorias semântico-discursivas revela-se produtiva, uma vez que os critérios estabelecidos dão conta tanto de estruturas de natureza matricial, representando o nível de invariância das unidades, quanto da variabilidade dos constituintes que se agregam à matriz.

Ortiz Alvarez e Unterbaumen (2011, p. 9) concebem a fraseologia como:

“a ciência que estuda as combinações de elementos linguísticos de uma determinada língua, relacionados semântica e sintaticamente, cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos e não pertencem a uma categoria gramatical específica. Nela se incluem todas as combinações em que os componentes são geralmente estáveis (em alguns casos a estabilidade é parcial permitindo algumas alterações, que não mudam o significado total da expressão) e possuem traços metafóricos”.

Na nossa concepção, as unidades fraseológicas associadas ao corpo humano se configuram como unidades sintáticas e lexicais, compostas por dois ou mais elementos, de valor metafórico, com no mínimo uma posição livre, cujo significado não pode ser depreendido dos elementos que as constituem no plano morfossintático, semântico e discursivo.

### 3 | A COLETA DOS DADOS

O presente trabalho de orientação predominantemente empírica envolveu pesquisa bibliográfica mediante a leitura de obras sobre o tema proposto e recolha de Unidades Fraseológicas associadas ao corpo humano, no Português, coletadas das obras: *Tesouro da Fraseologia Brasileira* de Antenor Nascentes (1966) e *Novo dicionário de termos e expressões populares*, de Cabral (1982), *Dicionário de Expressões Correntes*, de Orlando Neves (2000), e *Dicionário de Expressões populares portuguesas. Arcaísmos, regionalismos, calão e gíria, ditos, frases feitas, lugares comuns, aporuguesamentos, estrangeirismos e curiosidades da linguagem*, Augusto Simões (1986).

Para as sincronias pretéritas, coletamos estruturas nos cinco volumes do *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa*, de Domingo Vieira (século XIX); para o século XVIII, realizamos recolhas em dois volumes do *Dicionário*

da *Língua Portuguesa*, de Raphael Bluteau e na obra *Enfermidades da Língua e Arte que a ensina e Emudece para melhorar*, de Manuel Paiva; para o século XVII, as obras consultadas foram *Arte de Furtar*, de Autor Anônimo, *Adágios Portugueses reduzidos a lugares comuns*, de Antônio Delicado e, ainda, *Metáforas, ou Feira dos Anexins; O Fidalgo Aprendiz; Apólogos Dialogais e Carta de Guia de Casados*. As quatro últimas de D. Francisco Manuel de Melo. Por fim, como principal suporte de abonações, utilizamos os corpora online: *Teatro de Autores Portugueses* (TAP), relativo ao século XVI e o *Corpus do Português* (CdP), para todas as sincronias, incluindo-se aí, fases pretéritas da língua a partir do século XIV; e para os registros do Português Contemporâneo utilizamos o *Corpus de referência do Português Contemporâneo* (CRPC).

Após a coleta dos dados, procedemos à busca de abonações/registros para as unidades fraseológicas coligidas, num total de 318 quadros, ilustrados na seção que trata da abordagem diacrônica referentes às unidades fraseológicas: *abaixar* (ou *baixar*) *a cabeça*, *ser unha e carne* e *ser unha de fome*.

Deve-se esclarecer, também, que mantivemos a ortografia e os demais caracteres linguísticos dos dados referentes aos registros nos quadros. Fizemos apenas as formatações necessárias. Além disso, quando a expressão ocorre com mais de uma forma verbal, registramos primeiro a forma mais recorrente.

De salientar, ainda, que após a busca global e o refinamento inicial dos dados, utilizamos a ferramenta “concordância” adotada na Linguística de Corpus, para selecionarmos as estruturas nos textos pesquisados.

Apresentamos, a seguir, a análise dos dados, numa abordagem sincrônica, considerando-se os principais aspectos linguísticos imbricados na constituição das unidades fraseológicas pesquisadas.

#### 4 | ABORDAGEM SINCRÔNICA: O ARTIGO

No português, artigos são vocábulos que se antepõem aos substantivos. Segundo Cunha e Cintra (1985, p. 199), “artigos definidos são usados para restringir a extensão do significado do substantivo, individualizando-os; os indefinidos indicam apenas a espécie do ser”. Em geral, as unidades fraseológicas associadas ao corpo humano admitem a anteposição de artigo definido no grupo nominal que as compõem, como por exemplo, *enganar o estômago*, *pôr a boca no mundo*, *trazer o rei na barriga*. Os artigos “o, a, o” nas estruturas listadas têm valor genérico e não poderiam ser substituídos por artigos indefinidos como *\*enganar um estômago*, *\*pôr uma boca no mundo* ou *\*trazer um rei na barriga*, em um contexto idiomático.

As unidades fraseológicas investigadas, em geral, apresentam uma noção genérica como em: *apanhar com a boca na botija*, *andar na boca do mundo*, *dar com a língua nos dentes*, *fazer das tripas coração*, *dar com a cabeça pelas paredes*,

*passar o pé adiante* (ou *na frente*) **das** mãos, etc. Nesses termos, essas estruturas são usadas para exprimir um conhecimento generalizado, aplicável a diversas situações comunicativas.

A enunciação de um fraseologismo parece estabelecer uma ordem social mediante uma associação, veiculada pela expressão linguística, entre os homens e os elementos do mundo que o cercam. Segundo Ducrot (1984, p. 149) “esta alusão necessária ao mundo, inclusa na ordem ou no desejo, subsiste quando se atribui à palavra um valor mágico, quando se crê que ela pode desencadear, pela sua eficácia, os acontecimentos desejados ou as ações ordenadas”. Não escapamos da exigência que a palavra tem com seus elementos constitutivos e com “alusão a uma exterioridade”.

Segundo Baránov e Dobrovol'skij (2009, p. 554):

“a característica mais importante das unidades fraseológicas é a existência de diferentes tipos de irregularidades que, conforme o princípio da economia, conduzem à estabilidade das expressões e à sua fixação no dicionário mental. As demais peculiaridades semânticas, sintáticas, morfológicas e pragmáticas das unidades fraseológicas também se fundamentam nesta característica básica”.

Várias estruturas associadas ao corpo humano fazem referência ao comportamento e às ações humanas, como por exemplo, *falar pelos cotovelos*, *ter bom coração*, *ser coração duro*, *lavar as mãos*, *andar com a cabeça à roda*. Outras explicitam características “físicas”, *ter cara de réu*, isto é, “cara carrancuda como alguém no banco dos réus”. Através de uma associação com a expressão de alguém que está comprometido; temos, também, características “psicológicas”, *cabeça de vento*, alusão a pessoas “sem juízo, distraídas, sem siso”. A imagem de uma “cabeça de vento”, como fenômeno da natureza, isto é, “vento forte que se forma de repente” e que, geralmente, causa transtornos e, não raro, prejuízos às pessoas. Associações a sentimentos como em *ter o coração grande*, ou seja, um conjunto de sentimentos que constituem a “benevolência para com outrem, magnitude, generosidade”. Há, ainda, associação à morte: *com esses olhos que a terra há de comer*.

Em síntese, buscam-se, através do uso dos fraseologismos, além de elementos internos na construção dessas estruturas, elementos exteriores do universo do próprio homem, sujeito da expressão linguística. Vários recursos extralinguísticos podem ser utilizados: associações a fenômenos da natureza, ao corpo humano, ao costume, à classe social, ao poder econômico, a fenômenos sociais, a fenômenos históricos, dentre outros.

## 5 | O MODO E O TEMPO VERBAL

O modo indicativo, em regra, caracteriza-se pela certeza e objetividade de como se apresenta o fato. O indicativo é tido como o modo da realidade, isto é, revela toda a percepção dos fatos do mundo real.

De acordo com Roca-Pons (1972), o tempo presente não se restringe ao momento da fala. Essa característica do modo indicativo e do tempo presente é essencial para a compreensão do fato de as unidades fraseológicas poderem ser utilizadas referindo-se a ações passadas ou futuras, em relação ao momento da fala. As ações referenciadas não necessitam ocorrer no exato momento em que as estruturas são enunciadas. Assim, o que se chama “presente” parece ser uma atualização temporal sob a forma de uma marca formal e referencial, no plano gramatical, no plano semântico e no plano pragmático.

Para Ranchhod (2003), os verbos das expressões fixas apresentam um comportamento morfossintático semelhante ao que se apresentam em outras construções com grupos nominais livres, isto é, variam em tempo, modo, pessoa, número, conforme as condições sintáticas em que se encontram.

## 6 | A ESTRUTURA DOS CONSTITUINTES

Outro aspecto observado na constituição das unidades pesquisadas foi a possibilidade de inserção de elementos linguísticos entre os constituintes formadores dessas unidades, com função introdutória ou conclusiva. Esses elementos são de naturezas diversas. Assim, em estruturas do tipo: nunca *meteu aqui o pé*, século XVI, há a inclusão do advérbio “aqui” no interior da composição da estrutura, sem afetar o fenômeno da fixidez, tampouco da idiomaticidade. A nosso ver, isso se deve ao fato de o advérbio “aqui” ser um modificador de frase, não comprometendo a estrutura interna dos constituintes.

Para a locução *negar a pés juntos*, do século XVI, temos *negando a pés juntos* “como dizem”. Esta última informação parece indicar uma constatação do modo de dizer à época. Na sentença: “vendo-me velho” e *com os pés para a cova*, século XVII, há um elemento de ligação para a introdução da unidade, conforme o contexto sociocomunicativo, ou seja, as pessoas mais velhas estão, naturalmente, mais próximas à morte. Já na estrutura *com o rabo entre as pernas*, “como se costuma dizer em bom português”, (CRPC), o autor da frase ao enunciá-la acrescenta a informação “como se costuma dizer em bom português”; certamente, para explicar a sua inserção naquele contexto, o que pelo excerto demonstra tratar-se de uma conclusão.

## 7 | A LEXEMIZAÇÃO

Lyons (1982) admite a existência de lexemas sintagmáticos como base do significado lexical, isto é, como um significante. Para o autor (1980 p. 136) “o significado de uma sentença depende do significado de seus lexemas constituintes”. Afirma, ainda, que os lexemas sintagmáticos são ou gramaticalmente, ou semanticamente idiomáticos, ou ambos: a sua distribuição e o seu significado são imprevisíveis a

partir das propriedades sintáticas e semânticas de seus constituintes.

De acordo com Palmer (1979), as frases idiomáticas (lexemas sintagmáticos, para Lyons 1980) apresentam restrições gramaticais e sintáticas. Na estrutura *fazer das tripas coração*, o fato de o item lexical “tripas” não se apresentar no singular é concebido como restrição gramatical. O uso singular do item léxico “tripas” causaria um estranhamento no que tange ao significado da unidade. Por outro lado, em algumas expressões como *tendão de Aquiles* não é possível a forma plural, para “tendões”, certamente, em referência ao mito. Em muitos contextos, essas restrições sintáticas ocorrem de modo semelhante a outros itens não idiomáticos. No caso dos fraseologismos, as restrições, em geral, são de ordem extralinguísticas.

A forma verbal, presente nas expressões estudadas, tem um comportamento diferente da forma nominal. Assim a partir de *fazer das tripas coração* é plausível obtermos: a) *fez das tripas coração*, b) *vai fazer das tripas coração*, c) *fizemos das tripas coração*, d) *fiz das tripas coração*, etc. Da mesma forma, a estrutura *perder a cabeça* admite variação no item verbal: a) *Maria perdeu a cabeça*, b) *Os garotos perderam a cabeça*, c) *Nós perdemos a cabeça*, d) *Eu perco sempre a cabeça*, além da posição livre para o sujeito. As unidades fraseológicas associadas ao corpo humano, em regra, admitem alternância do tempo verbal, bem como sujeito livre, sem afetar o significado idiomático global.

Em resumo, apesar de ser possível algumas substituições paradigmáticas, sem modificação do grau de lexicalização já existente, o processo de lexicalização implica uma forte coesão dos elementos que configuram a expressão seguindo regras internas e externas. Segundo Galisson (1984, p. 315), “a lexicalização é um processo linguístico que transforma um grupo livre em um grupo estável, isto é, que une uma sequência de morfemas para transformá-los em uma única e mesma unidade lexical”.

## 8 | OUTRAS PARTICULARIDADES DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS ASSOCIADAS AO CORPO HUMANO

Os substantivos que nomeiam as partes do corpo humano se repetem na composição de várias estruturas. Lexias como *cabeça, cara, boca, olhos, língua, coração, mãos, pés* são altamente produtivas na língua portuguesa. A propósito, Baránov e Dobrovol'skij (2009, pp. 60-61) dizem que “uma parte considerável dos fraseologismos, em sentido amplo, contem no seu conjunto substantivos que se repetem em várias expressões fixas”. Como exemplo, os componentes “coração, alma, mente, cabeça, braço, mão, cérebro, pé, perna”. Os autores os denominam *componentes produtivos*.

Verificou-se ao longo do trabalho que a maior parte das unidades que apresentam a estrutura (Prep+Nome + Complemento) como: (dar, entregar, oferecer, receber) *de*

*mão beijada*; (andar, contar, correr, circular, espalhar, girar, ir, passar, transmitir, etc) *de boca em boca*; (andar, cair estar, etc) *na boca do mundo*; (jurar, negar, recusar) *de pés juntos*; (andar, correr, ir, passar) *de mão em mão*; (desejar, dizer, falar) *de todo coração*; (estar, falar, saber, ter) *na ponta da língua*; (andar, ficar, estar, ir) *com o coração nas mãos*; (girar, rodar, virar) *nos calcanhares*; (andar, estar, ficar) *de pé atrás* admitem variação de verbos na sua composição. Deve-se salientar que nem sempre se trata de expressões diferentes. Em (andar, ficar) *com o coração na mão*, por exemplo, os verbos *andar e ficar* são variantes aspectuais do verbo *estar*.

Várias estruturas associadas ao corpo humano apresentam na sua composição sintática o verbo “ser” seguido de um grupo nominal: *ser cara de pau, ser unhas de fome, ser pé de boi, ser unha e carne, ser senhor do seu nariz*, etc. O sintagma nominal fixo parece corresponder a uma distribuição sintática semelhante à que caracteriza um adjetivo predicativo. Assim temos, por exemplo, Pedro é muito *senhor do seu nariz*, isto é, “orgulhoso”, Aline e Maria são *unha e carne*, ou seja, “unidas”. João é *cara de pau*, a saber, “sem vergonha”, Paulo é um *pé de boi* “conservador”.

No que tange às estruturas constituídas pelo verbo *ter*, um percentual importante estabelece uma comparação como em *ter a barriga como um tambor*, ou seja, “ter barriga grande e arredondada” semelhante ao formato de um “tambor”; *ter cara de fome*, isto é uma “cara fina e magra” como a das pessoas que passam muita fome; *ter coração de bronze*, qual seja, “ter um coração duro, insensível”, comparado ao bronze que também é duro. *Ter coração de pomba*, ser uma pessoa que tem um coração “sensível, amável”, como o de uma pomba, que simbolicamente representa a mansidão, a paz, etc.

Apresentamos, na próxima seção, a abordagem diacrônica.

## 9 | ABORDAGEM DIACRÔNICA

Nessa seção, vamos descrever as unidades fraseológicas presentes nos corpora, por nós pesquisados, nas várias sincronias pretéritas, com o intuito de averiguar o status dessas expressões ao longo da história da língua portuguesa.

No que se refere à etimologia, segundo Viaro (2011), as unidades fraseológicas, por ele denominadas expressões idiomáticas, são tão complexas quanto os nomes próprios. Segundo o autor, “a impossibilidade de provar um étimo por leis fonéticas ou por analogias razoáveis conduz à prática da *etimologia fantasiosa*” (VIARO, 2011, p.299).

A análise etimológica das estruturas, na maioria dos estudos existentes, está vinculada a propostas pautadas apenas em semelhanças fonéticas e no reconhecimento de supostos componentes das palavras. Para Viaro (2011), trata-se de uma associação de supostas partes da palavra com outros vocábulos, normalmente mais frequentes, presentes na mente do falante, com os quais está familiarizado.

No entender de Viaro (2011, p. 302), as unidades fraseológicas constituem “um dos maiores desafios da Etimologia Científica, o que se contrapõe à facilidade com que os pseudoetimológicos chegam a soluções. Para agir como um cientista deve-se buscar resultados obtidos através de exclusão de hipóteses mirabolantes e do levantamento de dados, cuja maior preocupação deve ser **a descrição e a investigação cuidadosa de ocorrências mais antigas**” (grifos nossos).

Em nossa pesquisa, para a abordagem “histórica”, vamos adotar a perspectiva de Viaro no que tange à descrição das estruturas associadas ao corpo humano, em sincronias pretéritas. Assim, através de ocorrências devidamente datadas e entendidas à luz dos fenômenos de cada sincronia pretérita reconstruída, podemos buscar um étimo mais confiável e propostas etimológicas mais sólidas. Vamos tomar, como exemplo, as unidades *abaixar (ou baixar) a cabeça, ser unha e carne (ou unha com carne), Ser unhas (ou unha) de fome*, apresentadas nos quadros a seguir.

**Abaixar a cabeça** Aceitar com resignação, não reagir.  
**Século XX** “...inteiramente à sua própria determinação e sentia-se desamparada. Olhou para Dona Inacinha e viu-a **abaixar a cabeça** sobre a mesa sem fazer menção de levantar-se, e não encontrou ...” (CdP).  
**Século XIX** “...Mais severamente do que eu, o acusava há pouco a sua própria consciência, obrigando-o a calar-se e a **abaixar a cabeça** diante das arguições daquele homem.. que.. que.. que tentara desonrar...” (CdP).  
**Século XVIII** “...mais rumor algum, a cada instante esperava a morte, fechando os olhos; e **abaixando a cabeça** para os golpes, via com o maior horror o fim da minha tragédia, e ultimamente me resolvi a dizer:...” (CdP)..  
**Século XVII** “...que fossem tão diversos na estimação e credito, quanto vai do império á servidão, e do leão ao jumento, todos **abaixando a cabeça** se contentaram e conformaram com a sua sorte, e nenhum houve que abrisse a bocca para se queixar, ... (CdP).  
**Século XVI** “... duas criadas detras dellas quasi da mesma idade, & hum Christão tambem de dias seu criado que as acõpanhava, **abaixando a cabeça**, & pondo o rosto em terra, & alevantando as mãos com lagrimas davam graças...” (CdP).  
**Século XV** “... Frei Joham, levantate e emtra em no refertoiro e a comunidade sigue e nom penses tu seer melhor que os outros. O quall, todo colorado, **abaixou a cabeça** e emtrou ao refertoiro e pousouse com os outros aa messa. E, como dissesse ...” (CdP).

A expressão *abaixar (ou baixar) a cabeça*, conforme os dados registrados é bastante antiga. Ocorre no português, segundo os dados, desde o século XV e parece ter o mesmo significado, a saber, “aceitar com resignação, não reagir, manter postura de humildade”.

Observemos, agora, a unidade *ser unha e carne (ou unha com carne)*.

**Ser unha e carne** Amigo íntimo, companheiro inseparável.  
**Século XX** "...- nem lembrava o das bravatas à porta do sindicato, o que era assim com o deputado Lima, que **era**, por sua vez, **unha e carne** com Jango. Dei-lhe a notícia da prisão do sr. Lima, já sem mandato e sem direitos políticos..." (CdP). (PB).  
**Século XIX** "...aquela história no sermão do outro dia.. E o tal Sr. Henrique que **é unha e carne** com eles.. Ele será muito boa pessoa mas não me calha.. Lá feliz, isso como não sei de outro, com dinheiro e sem cuidados...(CdP)  
**Século XVIII** *Ser unha e carne com alguém, i.e.* muito íntimo e de seu seio.(DLP)  
**Século XVII** "...e se vão já nele metendo como a unha pela carne; porque abusos e povo **são** como **unha com carne**. " (AD, v.1., p. 84).  
**Século XVI** "...falar com nosso compadre Jan'Alberto de Leão que **são** ambos **unha e carne** por parte do cunhadio". (TAP).

A estrutura *ser unha e carne* (ou *unha com carne*) ocorre na língua portuguesa, segundo os corpora, desde o século XVI. A aceção parece ser a mesma. No corpus "Teatro de autores portugueses do século XVI, temos vários registros da expressão *unha e carne* (ou *unha com carne*). No século XVII, D. Francisco de Melo, em *Apólogos Dialogais*, registra as duas formas da expressão, como se vê nos seguintes excertos: "...e se vão já nele metendo como a unha pela carne; porque abusos e povo são como *unha com carne*...(AD, v.1., p. 84); "...com os donatos dos conventos; e se a ventura os ajuda, se publicam por *unha e carne* dos padres-mestres, dos quais afirmam não fazem sermão que não lhe mostrem oito dias antes..." (AD, v. 1, p. 178).

Até o século XIX, encontramos o registro das duas formas para a referida unidade, assim registrada por Aluísio Azevedo: "Agarrou-se ao Campos; agarrou-se àquele Dr. Freitinhas (do baile do Melo) que era **unha com carne** de um dos examinadores. E furou, e virou, e percorreu amigos desconhecidos, até se julgar..." e por Júlio Dinis na obra, *A Morgadinha dos Canaviais*: "Que eu não acredito, mas enfim, aquela história no sermão do outro dia.. E o tal Sr. Henrique que **é unha e carne** com eles..."

Conforme os registros, a expressão apareceu grafada *unha e carne* ou *unha com carne* até o século XIX. A partir do século XX, encontramos apenas a forma *ser unha e carne*, isto é, "ser íntimo".

Abaixo apresentamos a unidade *ser unhas de fome* (ou *unha de fome*).

**Século XX** "...Um titular rico , mas muito **unhas de fome**, a quem um amigo lançava em rosto a sua mesquinhez , por ouvir dizer que em sua casa todos passavam fome..." (CRPC).  
**Século XIX** "..., upa, ugar, vividouro, verter, vira volta, vaya, vizage, vasqueira **unhas de fome**, verdoengo, vidroso, vitaró, ventaróla, ufanía, veneta, vergastada, vaza barriz, vesgo, valdevinos,..." (CdP).  
**Século XVIII** "...Pôr-se com alguém ás Unhas, e dentes. **Unhas de fome**, (chama o vulgo ao escaço, mesquinho. Fugir, ou escapar..." (CdP).  
**Século XVII** "...Com esta história se explica bem que coisa **são unhas de fome**, que poupando furtam à boca, à saúde e à vida o que lhe é devido. E assim chamamos unhas de fome a uns que tudo escondem e que tudo guardam- sem sabermos para quando-..." (AF, p. 199).  
**Século XVI** "...era contente como não lhe levava algũa cousa. Chamava-lhe sempre esse **unhas de fome**, e a mim de ladrão e velhaco mentiroso nam me havia fame nem sede, eu ria-me porque a quem há de rogar" (TAP).

Como se viu, a unidade *ser unhas de fome* foi registrada em cinco séculos. A estrutura corrente apresenta o substantivo “unhas” na forma plural. No entanto, no século XIX, além da forma plural, apresentada no quadro, encontramos o registro: “...de uma mulherzinha como a dele é que você precisava para o ensinar, seu **unha de fome!** Não devia ser uma toleirona, como eu, que levo aqui a matar-me, às vezes até fazendo...” (*Filomena Borges*, Aluísio Azevedo). De salientar que a expressão, nesse contexto, ocorre na forma imperativa.

Também as expressões associadas ao corpo humano que fazem menção a sentimentos mais amplos, de ordem universal, principalmente, àqueles vinculados ao *amor, ódio, compaixão, maledicência, religiosidade, humildade, desconfiança, generosidade* em expressões como: *arreganhar os dentes, abaixar a cabeça, abrir a boca, abrir mão, abrir os olhos* foram registradas com a acepção idiomática nas sincronias mais remotas. São sentimentos presentes e inerentes à humanidade em todos os tempos.

Uma parte considerável de unidades fraseológicas associadas ao corpo humano ocorre na língua a partir do século XIX. Do total de unidades investigadas 50% foram registradas nos corpora a partir dessa sincronia. É, também, representativo o percentual de expressões presentes na língua desde o século XVI, isto é, 23%. Em regra, a maioria das estruturas desse grupo é recorrente em todas as sincronias, apresentando lacuna em, no máximo, uma sincronia intermediária. Do total de estruturas agrupadas 11% ocorrem na língua portuguesa desde o século XVII, sem nenhuma lacuna. Portanto, considerando-se as fases mais remotas, podemos inferir pelos dados que 34% das expressões associadas ao corpo humano remontam aos séculos XVI e XVII. Do total, 2% dessas estruturas podem ser consideradas arcaísmos já que foram registradas nos corpora somente até o século XVIII. Por outro lado, 13% das unidades são referentes aos séculos XX e XXI.

Em resumo, unidades como *dar com os narizes em, não lançar o pé além da mão, pôr a boca à (ou na) orelha, ter olho em* foram recorrentes nos corpora até o século XVIII. Por sua vez, as unidades *com a boca na botija, bater com a porta na cara, dar de cara, dar de mão beijada, deixar com água na boca, enganar o estômago, ficar de boca aberta, fazer vista grossa, cara de pau, falar com o coração nas mãos, falar pelos cotovelos, ficar com a língua de fora, estar em boas mãos, estar de olho em, meter os pés pelas mãos*, dentre outras, foram registradas a partir do século XIX; já as estruturas *a olhos vistos, abaixar a cabeça (ou baixar) a cabeça, abrir a boca, abrir os olhos, à custa da barba longa, ao pé da letra, arreganhar os dentes, atar as mãos, dar a mão, dar ouvidos, estar na mão de alguém, lambar os beiços, mão alheia, não ter coração, pedir por boca, pé de vento, pôr os olhos em alguém, pôr os pés, ser unhas de fome, ser unha e (ou com) carne, pôr o pé no pescoço, ter as costas quentes, tirar o pé do lodo*, etc., ocorrem na língua desde o século XVI, em todas as sincronias, sem nenhuma lacuna.

Também as unidades *botar o bofe pela boca, crescer água na boca a alguém*,

*dar com a cabeça pelas paredes, dar o pé, tomar a mão, de todo coração, dizer na cara, fazer ouvidos (ou orelhas) de mercador, lambar os dedos, lavar as mãos, mostrar aos olhos, não ter pés nem cabeça, passar pelas mãos, passar pelos olhos, pôr nas mãos de alguém, quebrar a cabeça, ter bom coração, ter cara de aço, ter dente de coelho, ter má língua* são antigas e foram registradas desde o século XVII, sem nenhuma lacuna.

Nessa seção apresentamos, numa perspectiva diacrônica, alguns apontamentos acerca das características das unidades fraseológicas associadas ao corpo humano. Demonstrou-se que várias expressões são antigas na língua portuguesa e mantiveram a sua estrutura e a sua aceção ao longo do tempo.

## 10 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Várias questões surgiram ao longo do trabalho, algumas resultantes de lacunas existentes na literatura, outras como uma forma de contribuir para os estudos da fraseologia, como por exemplo, a repetição de unidades em dicionários especializados que não são mais utilizadas, além das lacunas no que tange às abonações.

A abordagem sincrônica demonstrou que vários aspectos linguísticos estão imbricados na constituição e na configuração das unidades fraseológicas associadas ao corpo humano, a saber, admissibilidade do artigo definido, tempo verbal, inserção de alguns advérbios, dentre outros.

Demonstrou-se que as estruturas que permaneceram na língua por maior espaço de tempo possuem um grau maior de lexicalização que, por exemplo, àquelas surgidas a partir dos séculos XIX e XX. Ademais, várias estruturas permanecem na língua desde o século XVI, sobretudo, as unidades que se referem a fenômenos da natureza e às que expressam sentimentos mais universais, inerentes à humanidade, como “ódio, gratidão, maledicência, inveja, generosidade, bondade, amor”.

Fato é que as unidades fraseológicas precisam ser identificadas e interpretadas de modo que produzam sentidos e sejam adequadas ao contexto sociocultural no qual, efetivamente, estão inseridas.

A fraseologia constitui um objeto importante para as investigações científicas e não deve ser relegada a um segundo plano. As unidades fraseológicas refletem o saber plural de um conhecimento empírico resultante de uma partilha entre os usuários da língua.

## REFERÊNCIAS

BARÁNOV, Anatolij & DEMITRIJ, Dobrovol'skij. **Aspectos teóricos da fraseologia**. Santiago de Compostela: Grafisant, S. L, 2009.

BEVILACQUA, C. R. **A Fraseologia Jurídico-ambiental**. Porto Alegre: [s.n.] 1996. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem. Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- BIDERMAN, M. T. **A Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BLAIS, E. **Le phraséologisme. Une hypothèse de travail. Terminologies Nouvelles**. Bélgica: RINT, n. 10, pp. 50-56, 1993.
- CUNHA, Celso & CINTRA Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DUCROT, Oswald. **Enciclopédia Einaudi-Linguagem-Enunciação**. Vol. 2, Imprensa Nacional, 1984.
- GALISSON, R. **Dictionnaire de compréhension et de production des expressions imagées**. Paris: CLE international, 1984.
- KRIEGER, M. da Graça & FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia. Teoria & Prática**. São Paulo: Contexto, 2004.
- LYONS, John. **Linguagem e Linguística**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Semântica -1**. Lisboa: São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- ORTÍZ ALVAREZ, M. L. & UNTERBAUMEN, E. H.(Orgs.). **Uma (Re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas: Pontes Editores, 2011.
- PALMER, F. R. **A Semântica**. São Paulo, Martins Fontes, 1979.
- RANCHHOD, Elisabete Marques. “O lugar das expressões ‘fixas’ na gramática do Português”. In: CASTRO, Ivo e DUARTE, Inês (Orgs.). Razões e Emoção. **Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus**. 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, Colibri, 2003.
- ROCA PONS, José — **Introducción a la Gramática**. Barcelona, Teide, 1972.
- VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

## SOBRE O ORGANIZADOR

**FABIANO TADEU GRAZIOLI** é Doutor e Mestre em Letras pela na Universidade de Passo Fundo/RS (UPF). Especialista em Metodologia do Ensino da Literatura e Licenciado em Letras Português/Espanhol pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Professor do Departamento de Ciências Humanas da URI, da Faculdade Anglicana de Erechim/RS (FAE) e do Colégio Franciscano São José. Coordenou o segmento de Literatura Infantil e Juvenil da Habilis Press Editora por cinco anos. Contemplado com a Bolsa FUNARTE de Produção Crítica sobre Conteúdos Artísticos em Mídias Digitais/Internet - Edição 2009, a partir da qual desenvolveu a pesquisa *Leitura e fruição na tela: um olhar crítico em direção à ciberpoesia*. Contemplado com a Bolsa FUNARTE de Circulação Literária - Edição 2010, com a qual desenvolveu o projeto *Leitura dramática: revelando a dramaturgia brasileira para jovens leitores e suas comunidades*. Contemplado com a Bolsa Biblioteca Nacional/FUNARTE de Circulação Literária - Edição 2012, a partir da qual desenvolveu o projeto *Dramaturgia e jovens leitores: encontros necessários nos territórios da cidadania*. Autor de *Teatro de se ler: o texto teatral e a formação do leitor* (Ediupf), que teve sua segunda edição em 2019. Organizou, entre outras, as obras: *Teatro infantil: história, leitura e propostas* (Positivo), sobre dramaturgia para crianças e jovens, que recebeu o Prêmio de Melhor Livro Teórico 2016 (Produção 2015), e, no mesmo ano, o Selo Altamente Recomendável – Livro Teórico, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); e com Rosemar Eurico Coenga, *Literatura de recepção infantil e juvenil: modos de emancipar* (Habilis Press), que recebeu o Prêmio de Melhor Livro Teórico 2019 (Produção 2018), e, no mesmo ano, o Selo Altamente Recomendável – Livro Teórico, da FNLIJ.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise do discurso 165

### C

Crônica 15

### D

Diacronia 128

Dicionários escolares 178, 190

Discurso 6, 1, 46, 49, 51, 60, 61, 62, 91, 92, 93, 141, 142, 143, 144, 165

### E

Educação infantil 103, 109, 115

Efeitos de Sentido 49

Ensino 7, 10, 15, 28, 29, 46, 87, 89, 169, 178, 179, 183, 186, 209, 215, 224, 225, 245, 286, 287, 297

Ensino de língua 29, 178

Escrita 15

### F

Fotografia 8, 63, 65, 66, 77

Fraseologia 128, 130, 139

### G

Gênero Textual 15

### H

História Oral 63, 66, 76

### I

Identidade 165

### J

Juridiquês 30, 37

Justiça 6, 8, 30, 32, 33, 34, 37, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 200, 208, 215, 219, 220, 221, 225, 226

## **L**

Lexicografia 178, 179, 180, 181, 182, 190

Linguagem escrita 103

Linguagem jurídica 30, 46, 47, 48

Linguagem oral 103, 110

Literatura 103, 106, 141, 230, 235, 236, 239, 245, 246, 261, 274, 297

Lusofonia 49

## **M**

Memória 8, 62, 63, 65, 66

Multiletramentos 153

## **P**

Português 6, 15, 37, 46, 48, 79, 80, 81, 85, 87, 88, 89, 90, 92, 102, 117, 118, 126, 128, 130, 131, 140, 165, 180, 215, 285, 297

Português para estrangeiros 126

Práticas de leitura 153

## **S**

Semiótica 153, 158, 160, 163, 164

Sequência Didática 15

Sincronia 128

Subjetividade 165, 226

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-492-4



9 788572 474924